



“REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DO PACIENTE ADOLESCENTE. COMPLICAÇÕES E ABORDAGEM COM INTERROGANTES”

Elías Adler

Eixo: Corpo na clínica.

Palavras-chaves: Adolescência, Corpo, Técnica

Resumo

O trabalho centra-se em alguns aspectos da análise de um paciente de 14 , que foi diagnosticado como " anoréxico " e onde a sua vida está em perigo . A evidência paciente muitas dificuldades em relação à sua identidade, seu corpo, seu relacionamento com sua família e colegas. O tratamento foi marcada por muitas dificuldades que conduzem à formulação de várias questões . Ao longo do trabalho enfatiza os aspectos técnicos do processo analítico e alguns elementos transferenciais são mostrados em jogo.

Desenvolvimento

O paciente. Apresentação.

Estava esperando por Sebastian, um adolescente descrito como "muito complicado" pelo colega que deriva. Seus pais me dizer em duas entrevistas preliminares que tive com eles que Sebastian foi adotado sendo um bebê de poucos dias. Assinalam que sempre foi um menino com berrinches, “com manhas para a comida” e com dificuldades para aceitar limites. Especificam que mostrava atitudes “diferentes as de outros meninos”, isolava-se nos aniversários infantis, não queria jogar futebol, se maquillava o rosto, preferiu jogar com as meninas. Ele era muito ligado a sua mãe e a seus avós maternos. Com o pai compartilhada atividades, mas muitos acabaram em conflito porque Sebastian não estava respondendo a propostas de seu pai. Eles dizem que ele gostava ficar desenhando desde pequeno,

em e forma solitaria por horas e em silencio, ou fazendo formas com massinha, formando grandes cenas de situações cotidianas. Com a chegada da pubertad, todo se disparou. Anorexia, o "mau carácter", discussões habituais em sua casa e rompimento de espelhos, pratos, mesas e portas.

Hoje tem 14 anos, encontra-se em um estado de angustia permanente, tem dificuldades de todo tipo na instituição educativa. Seus pais dizem que se viu raro e se corta o cabelo em forma extravagante. Preparo-me de algum modo a sua chegada e a ansiedade característica do primeiro encontro como um paciente sento-a acentuada. Abro a porta e Sebastián entra "como um furacão" sem cumprimentar. Ele está vestido de preto, todo preto. No consultório fica parado. Senta-se na cadeira onde lhe indico. Tira-se as lentes pretas carregadas com duas pinchos, um a cada costado. É extremamente pálido. Não quer disimular sua cara de odio. Parece incomodado. Pergunto-lhe se esa-o e responde-me com um lacónico "não". Conto-lhe das entrevistas com os pais, de que planejo ter umas entrevistas com ele para o conhecer e que depois me reunirei com seus pais para lhes comentar como e que o estou vendo. Falo-lhe do segredo profissional. Diz-me que todas esas coisas ja as sabe porque tem estado em contato com muitos técnicos de diferentes disciplinas e que todos dizem o mesmo. Seu tom e soberbo, suas apreciaciones nao lhe vao em fundo nesse sentido. Eu sou o undécimo técnico que ve e os tratamentos com ele, segun suas palavras, nao dao resultado. Digo-lhe que se transformou em um especialista em entrevistar técnicos. Primeiro sorriso. Estou seguro que gostou que lhe tenha dito "especialista". É óbvio para mim que procura provocar. Com uma broma, evito enfrentar a sua provocação.

Esta em segundo de secundário. Desde o fim da escola, o liceo tem-lhe transformado em um calvário. Não quer estudar. Seus colegas de classe e grande parte da instituição onde estuda, o conhecem por un sobrenombre que denuncia sua forma de vestir e o pouco varonil de sua apresentação. Muitos geram-lhe desagrado, molestam-no. Eles gritam na rua e envergonha-se. Outros colegas, protegem-no e tem uma muito boa ligação com algumas poucas meninas. Eles e seus pais, lhe dizem Seba. É um adolescente, é varao e tem marcados rasgos femininos. Algumas coisas que diz, são propias de um discurso de mulher. Ademais, e notorio que se maquila com base e traca uma linha em seus olhos. Seu nome é Sebastian e eu o trato como um homem, mas não seja que afirmar. Ele aborda o tema com verdadeiro ar de superacao, se sabe varao mas lhe agradam muitas coisas femininas. Pensa que é homosexual mas em realidade, se ele pudesse escolher, ele diz que seria "andrógino".

É extremamente delgado. Conta que lhe diagnosticaram muitas coisas, entre outras: anorexia. Esteve um mês e medio internado por mútuo acordo entre o seu psiquiatra e sua médica internista, dado o número que lançou seu índice de massa corporal:

11. Lembre-se que por embaixo do número 16, a OMS qualifica aos indivíduos como sofrendo de uma "magreza grave". Faz poucas semanas que lhe deram alta quando o vejo pela primeira vez. Sendo seu cabelo cor castanho, ao sair do hospital, ele tem-o teñido de um loiro intenso porque queria ser sentido diferente. Gradualmente, nas entrevistas começa a falar fluentemente. Tudo cai dentro da desacreditación, cuestionamiento, queixa e desprezo. Seus pais, a instituição educativa, seus colegas menos dois, a academia de dança em que ele participou antes da internación, a sociedade, a juventude, seu bairro, o dinheiro, os professores, o colega que o derivou, o cheiro que há nos ônibus, a hipocrisia dos adultos, a os que fumam marihuana o "pasta base". Tudo é detestado. Muitas de suas frases começam com "Eu odio...". Mas há coisas que não odeia. A música, ainda que sim a indústria da música. Lady Gaga, Kate Perry, Madonna, Kyle Mcguire, são seus "ídolos". Conhece vida e obra delas. Peço-lhe que me conte porque eu disso, eu sei muito pouco. Ele ri com desdém e gosta de contar tudo o que sabe. Eu vejo vários vídeos no YouTube desses artistas. Começo a aprender, é uma das maneiras que eu encontro de abordar sua vida e ouvir. Faço um esforço por não julgar. Falhano a medias Há coisas que são interessantes e os preconceitos não me absorvem completamente. Tomo-me tempo para realizar entrevistas.

Em um momento, conta que ele produz vídeos e os pendura na web. A última coisa que ele fez é uma homenagem a uma modelo com anorexia que morreu recentemente. Pergunto-le se quer mostrar o que ele fez. Diz que sim. Eu levo meu computador e vemos o vídeo juntos. Aparece nu, recostado de corpo inteiro e olhando a câmera, mostra toda sua extrema magreza e tampa seus genitais. A peça tem uma canção em Inglês que dói e produz uma mensagem pedindo ajuda para as pessoas que sofrem de anorexia. Assinala em sua composição, que são as pessoas que estão sofrendo e precisam de ajuda. Pede que a morte do modelo não tenha sido em vão. Le os múltiplos comentários que tem escrito os foreros, embaixo de seu vídeo. São dezenas e muitos deles, muito favoráveis à sua criação e mensagem. Acho que é momento de propor-lhe de iniciar um processo analítico. Algo de sua sensibilidade e criatividade me deixa pensando em sua vitalidad. O fato de que permita que vejamos o vídeo, me faz pensar que ele também está pedindo ajuda. E não só isso, também procura a mirada e os comentários de outro. Ele diz que está pronto para começar. Proponho-lhe trabalhar duas sessões por semana e aceita.

O processo analítico.

A análise conta com todos os condimentos do que pode ser um trabalho cheio de problemas, preocupações e complexidades. Briga com seus país, briga em sua instituição educativa, brigas com amigos e inimigos. Desde sua casa e o colegio,

chamam-me com frequencia por telefone para expresar-me suas dificuldades com ele. Eu lhes expesso as minhas. E notorio que ha técnicos da institucao educativa que lehe tem medo ou rejeição, lhe fogem. E que, sua postura soberba e altanera, gera rejeição. Tambem da medo pelo cúmulo de barbaridades que diz, mas em um principio, conquanto me da medo, posso seguir trabalhando. Surpreendo-me pensando nele, em momentos nos que estou libre. São os "restos do transferencia" de que fala Luz Porras. As ameaças dos médicos tratante para Sebastian repetem-se, que se nao come ou não pode parar de vomitar, eles vão internar novamente. Eu tenho uma discussao com sua nova psiquiatra tratante. É por causa das ameaças, eu digo-lhe que com Sebastian não servem, o envalentonan. Ele sabe o confronto através de sua mãe, que é chamada pela psiquiatra. Estou começando a ganhar o respeito de Sebastian. Reconhece que não ataco. Diz que sente que eu estou do seu lado, eu respondo que estou do lado da vida, eu quero ajudar que possa diminuir seu sofrimento, que não quero que o voltem a internar e em tom de broma, que nao e broma, digo-lhe que se voltam a internar, porque se deixa estar, eu vou chutar todo o quarto do hospital. Ri-se. E as bromas começam a ser parte de nossas sessões que geralmente são diálogos.

Um momento crítico é quando cumpre 15 anos. Quer fazer uma festa como as que fazem as garotas de sua idade. Na verdade, a festa tem como objetivo para ele, se mostrar ante sua família, subir a um palco que tem o salão e dançar como uma estrela do pop feminino. Uma coreógrafa prepara-o. Alguns dançarinos lhe farao o acompanhamento. Digo-lhe que quer ser uma diva e me diz que sim. Seus convidados são esperados para ele com o terno de um homem, quando chega o momento do espetáculo, se traviste, canta e dança e depois e "sumamente felicitado" por sua atuação. Dantes e apos seu aniversario está particularmente comovido. Briga-as com seus país sao de um encarinizamiento total por parte de Sebastián. Diz-lhes que os odeia e odeia a família de cada um deles e que vai odiar para sempre. Diz que vai exigir tudo o que possa, porque conquanto os quer, o ódio é mais forte. Sento pena pelos pais, gastam o que eles têm e são submetidos por ameaças do Sebastian. Isso me dá raiva, ¿que eu faço com ela? Digo-lhe que eu não gosto de sua atitude. Acho que aprecia que nao lhe mostre medo. Depois da festa, ele tranquiliza. Escuto suas histórias, vemos as fotos. Conto-le que eu gostaria que pudéssemos falar de o ódio que teve, o qual nos permite aceder ao tema da adoção. Conta que esteve precisamente pensando em isso apos a festa. Digo-lhe como outras palabras que pensó que debe ser um clavarío, amar a mae que o abandonou e amar a mae que se fez cargo dele. É um calvario porque também debe odiar a primeira pelo deixar e a segunda por ser testemunha de que o abandonaram. Fica calado, angustia-se e diz-me que sou muito cru com o que lhe digo. Diz que nunca mais lhe diga esas coisas sem lhe avisar. Digo-lhe que tal vez

tem razão quanto a minha crudeza. Contesta que por agora há histórias das que não quer saber nada.

Nesse ano lectivo termina-o a duras penas. Pensamos juntos que tem vontade de fazer. Ele sempre gostou de desenhar roupas femininas. De fato, desenha habitualmente vestimentas, copia desenhos de grandes marcas comerciais, a partir deles, desenha suas próprias roupas e uma costureira em sua vizinhança, o ajuda a realizar. Averiguamos juntos e com seus pais, por uma escola técnica, onde possa estudar desenho de modas. Começa os cursos, mas sente-se perseguido por uma professora por ser homossexual. Ao ingressar nesta instituição, faz-se chamar por seu segundo nome com seus professores e colegas. Tem um segundo nome. Com o tempo somente seus pais e sua avó seguem-lhe dizendo Sebastián ou Seba. Pede-me para começar a dizer pelo segundo nome, lhe digo que eu vou continuar dizendo o nome com o qual eu o conheci.

Faz alusão a um encontro amoroso relativamente estável, com um rapaz de vinte anos. Ele não quer falar muito sobre isso. Somente peço-lhe que tome cuidado. Ante isto, diz não querer ter relações sexuais. Apresenta-o a seus pais, quem recebem-no sem escândalo. Finalmente, este rapaz deixa-o dizendo-lhe: "Eu tenho o suficiente com a minha loucura, eu não posso acompanhar na sua." Sente-se muito mau ainda ele nega. Respeito o seu silêncio.

Há momentos em que conta de sua infância, do que lhe diziam no bairro, por não ser como todo mundo. Ele fala sobre sua raiva, sua raiva profunda e rancor contra aqueles que o injuriaram. Em uma oportunidade diz que eu não seja o que é, que a um o estejam perseguindo o tempo todo para o importunar. Digo-lhe que me imagino que não deve de ter sido fácil e que algo eu sei. Conto que sou judeu, e que no bairro, sendo menino, alguns de meus vizinhos me diziam judeu de mierda. Digo-lhe que também guardo rancor a pesar de ter brigado. Conta-me que ele não podia lhes colar porque lhe dava medo, que depois o lastimaram. Digo-lhe que eu também tinha medo, mas me sentia melhor me defendendo. Conta que ele se vingava fazendo perder pelo bairro aos irmãos menores de seus atacantes. Em seguida, ele foi transformado no "herói" que os encontrou. Dá-lhe muita vergonha de contar suas "perversidades". Estes acontecimentos que ocorrem na sessão, me deixam pensando e geram interrogantes. Por que falar de mim? Era necessário? Eu digo com um exemplo direto que eu sei de que fala. Encontramos-nos ambos dois na mesma situação. De vítimas ou victimizándonos, que não é o mesmo. Por outro lado, ¿que ocorre com a neutralidade e abstinência do analista? Voltarei mais adiante com estas questões.

Abandona a Escola de desenho de modas ao ano. Não quer estudar como fazer, ele não quer ser um "simple trabajador". Ele quer projetar. Voltamos a procurar outra atividade. Escola técnica das artes plásticas. Estou surpreso com o que ele sabe

sobre a pintura. Os professores e os colegas apreciam-no muito por suas habilidades técnicas, mas por uma coisa ou a outra, briga-se sucessivamente com colegas e professores. Sente que seu nível é muito melhor que o de todos, incluindo professores, mas é óbvio que todos lhes molesta seu "soberba". Eu digo que algumas das coisas que ele diz deve ser sentida por outros como insuportável. Responde que ele não se importa. Começa a ler biografias de mulheres "famosas": Marie Antoinette, Grace Kelly, Marilyn Monroe, etc. Falamos sobre a pintura. Digo-lhe que não sei muito. Eu gosto pontualmente de alguns artistas mas isso não é um tema que possa abordar em profundidade. Ele insiste. Vai a todos os museus de arte em Montevideu. Sugere-me visitar exposições. Quando viaja a Buenos Aires, vai a concertos e visita todos os museus que pode. Insiste, ele pergunta se eu viajei, eu digo sim. Pede que lhe conte dos museus em NY. Começam diálogos durante as sessões de Munch, Klimt, Kokoschka. Por alguns exemplares que eu tenho no consultório, pergunte se eu gosto de Van Gogh e se eu estava em Amesterdão. Ante minha resposta afirmativa, pergunta pelos museus. Ele brinca dizendo que eu tenho os originais de Van Gogh e eu o deixei cópias de museus em Amesterdão. Penso que se eu tenho essas coisas tao valiosas pode me apreciar e se eu sou valioso, talvez ele também o possa ser. Eu não disse nada. Eu não encontrava as palavras. Os temas de conversa sucedem-se: a morte de Amy Winehouse, se Marylin Monroe fez-se cirurgias, se efetivamente Dalí era um louco. Se Lady Gaga é uma tonta, se Madonna tem vigorexia. Falamos de fenômenos religiosos, marchas de orgulho gay em que participou com a mãe, o sushi, de encher-se de comida, dos anarquistas, o "vômito" auto-induzido, mercado do Tristan Narvaja, Marylin Mason, Sharon Tate, Banksy. Falamos longo momento sobre a Balsa da Medusa de Géricault e que gostaria de ter em sua casa um manequim. Diz que sou um inculto por não interessar pela obra de Velázquez e da Infanta Margarita. E enquanto, comentamos sobre sua vida. Ele está pintando muito em casa. Seus pais fizeram-lhe um pequeno atelier no fundo da moradia. Ainda assim, ele está "envenenado" porque seus pais não lhe dão tudo o que lhes pede. Uma razão de briga com eles, é o custo que lhes implica a compra de tantos produtos de pintura. Ele diz que não se importa e que os quer "espremer" até que possa. E-me difícil de tolerar suas expressões. Assinalo-lhe que talvez seja mais benéfico para todos, encontrar outros lugares onde os artigos que utiliza estejam mais em conta que andar pensando em como hostilizar aos demais. Ele mantém um silêncio que não é proprio nele. Recomendo-lhe um lugar que conheço onde as telas para pintar que já vem enquadradas estão muito mais baratas. Vendem-nos em uma oficina de expressão plástica. Depois de visitar a oficina para comprar os "teias", ele discorre sobre por que ele nunca iria para uma oficina de tomar classes de expressao plastica. Ele não quer que ninguém influa sobre seu pensamento. Às vezes, torna-se difícil.

Nesse ano vou para Praga. Poe-se muito mau quando lhe digo que me vou tomar algumas semanas no meio do ano, diz que me inveja. Ele me pergunta onde vou. Eu respondo de forma inequívoca. Dou-me conta que fica ma com minha ida. A minha volta, trago-lhe um folheto de obras de Alfons Mucha. Fica fascinado. Não o conhecia. Isto dá origem a conversa de Art Nouveau e Art Deco. Eu digo a ele que coleciono peças antigas daqueles tempos. "Você sabia muito mais do que você contou" - dispara com algum grau de "não me dijistes".

Seus estudos melhoram. Começa a estudar Inglês para dar uma exame internacional. Seu psiquiatra diminui a medicação. Ele tem um pequeno grupo de amigos da escola onde ele se encontra. Sabe pelas redes sociais, que faço esportes, para competir no atletismo da rua. Se há uma corrida, fixa se como me foi. Como nunca ocupou nenhum pódio, me pergunta por que o faço. Para a saúde, eu respondo. Mas há muitos que são melhores do que você, ele me diz. Sempre ha pessoas que são melhores do que um, eu digo. Começa a caminhar longas distâncias. Nós calculamos quanto tempo leva para andar de um lado para o outro. Planemos rotas de um lugar para outro. A sua escola para um museu e de lá para onde atende sua nutricionista. É como se tivéssemos construído um GPS, brinca. Às vezes, traz algumas de suas criações e conversamos. Um dia aparece com uma pasta e uma pintura, é uma árvore onde nascem gotas que tem bebe dentro. O desenho é estupendo. Os bebês nascem a partir de um árvore, eu digo. É tudo que você tem que analisar? "Não vamos começar com a questão da adoção".

Poucos dias depois, ele mantém, pela primeira vez, um diálogo sobre a adoção com seus pais. Angustia-se muito e a angustia dura-lhe algumas semanas. Os pais dizem-lhe mais do que queria saber, inclusive lhe dizem o nome que tinha quando o entregaram e que ele desconhecia. Nas sessões tenta não chorar, mas é muito mobilizado. Começa a contar-me que em realidade ele nao se angustiou muito, que o fez para que seus pais se comovessem porque a ele, todas as informações lhe dá exatamente o mesmo. Como fico em silêncio ante sua verdade, me pergunta se não lhe creio. Eu digo que eu acho que ficou muito triste com essa notícia e têm a necessidade de transmitir que não importa. Enoja-se muito e cala-se a boca. Eu digo que ele está quebrando um dos nossos pactos e que era que não importavam os enojos, ou sim importavam, mas o finque era que pudéssemos falar sobre eles.

Ele continuou com raiva. Para redes sociais, inteira-se que o meu filho mais velho vai viver na Itália. Pergunta como estou. Eu digo que não é fácil. Ele me diz que eu devo sentir muito dolorido. Eu digo sim, que quando nos distanciamos das pessoas que amamos, é natural se sentir doído. Quer ferir-me, eu acho que ele quer me ver sofrer. Digo e diz-me que sim, mas que não lhe de importância e pede desculpas. Ele afirma que nunca terá filhos, que pode pensar so "em mim e não no nós."

Um dia chega e começa a falar da anorexia, da sua magreza. Esteve pensando e deu-se conta que para ele é muito importante para que seus braços sejam longos e finos, se parecem mais aos braços femininos. Conta que se depila os braços e as axilas, mas não as pernas. Digo-lhe, braços de mulher, pernas de homem. Diz que ele sabe que é homem mas que desde que recorda, não se sentiu inteiramente como tal. Também não mulher. Eu digo que deve sentir-se, então, que pode ser ambos. Pergunta-me se é possível. Digo uma bobada recorrente com a qual nos rimos habitualmente, que para um machista uruguayense como eu, a resposta é não mas em realidade importa o que ele sente e não o que eu penso.

COMENTÁRIOS DIVERSOS.

Alguns esclarecimentos.

Quisesse aclarar que conquanto trabalho desde faz muitos anos com adolescentes, nunca tinha trabalhado com um adolescente do sexo masculino com anorexia. Penso que sempre trabalho e escrevo sobre singularidades. Argumento que existem vários adolescentes e anorexia não é uma entidade rígida. Em minha prática, não conheço uma anorexia idêntica a outra. Para apresentar este material, eu pedi permissão a Sebastian e seus pais. Todos estiveram de acordo em que podia escrever sobre ele. Sebastian me perguntou por que eu quero fazer este trabalho e eu respondi que eu estou aprendendo muito com ele e que talvez se transmito o que eu sei, alguém possa o tomar em conta e ajudar a alguém. Seu único pedido foi que o material não presente no Uruguai, aspecto que estou respeitando. Cabe agregar que pese a muitos sabotagens, eu senti muito amparado pelos pais deste paciente. Sem eles, trabalhar com ele, teria sido impossível.

¿Como trabalhar?

Conversar com Sebastian sobre seu corpo tivesse sido, pelo menos nas primeiras instâncias, desde minha perspectiva, contraproducente. Naqueles primeiros momentos, eu escolhi ir devagar e ter cuidado nas intervenções. Qualquer comentário meu em relação ao seu corpo poderia ser tomado como uma intrusão. Em seu corpo figurava-se parte de seu sofrimento e seus sintomas, achava que Sebastian estava reivindicando o controle que ele queria e quer ter sobre seu corpo. Era como se dissesse, "com o meu peso, assim como com o que como, com a magreza, minhas roupas, minha apresentação, eu faço o que eu quero, meu corpo é meu." Devo dizer que muitos destes aspectos, os fui pensando a posteriori. Só que eu pensei que tinha que esperar para intervir. Preferia ir passo a passo. Uma pergunta que me fez questionar e me faz pensar, está ligada a como enquadrar baixo os conceitos psicanalíticos as ações que como analista levava e levo adiante.

Muitas intervenções e planteos meus, diferem do método standard em geral, e com os que me manejo habitualmente com outros adolescentes. De uma perspectiva técnica sentía-me a intemperie. Tinha a presunção que o dispositivo analítico tradicional fazia parado com este paciente. Ao início, meu silêncio acompanhava-se do seu, minha espera tinha como corolário, a sua. Não podia guarecerme na espera de material do paciente. Sebastian desafiava a permanecer habitualmente no mutismo. Não podia manter a atenção flutuante mínima requerida para trabalhar com pacientes adolescentes em geral. Era mais ativo nas sessões, desse modo cuidava a consecução da análise.

¿Que significa ser mais ativo? Tenho a convicção que devo procurar linhas diferentes para trabalhar com ele. Se está muito calado faco-lhe uma pergunta vadia por como está. Às vezes ele responde ironicamente: "Eu estou na minha idade de ouro", "outros inveja me para o meu estado de bem-estar" ou "melhor impossível". Digo-lhe que eu tinha notado. Tento estar a disposição. A categoria do "como se" fica por momentos, em suspenso. Sei que não devo ceder ante seus ataques nem também nao o ferir. Eu sei que não devo entrar em uma "luta de poder". Respeito-lo ativamente, não perturbo inutilmente se ele não fala sobre certas questões, como todas as coisas que acontecem ao seu corpo. Não lhe tolero todas suas loucuras, o tenho dito, isso seria contrário à sua dignidade. Se faz alguma afirmação absurda no meio de um discurso particularmente narcisista, como que ele é uma pessoa "com muita paciência com os demais", eu brinco que esta é uma verdade irrefutável. É habitual que se ria quando digo coisas assim pelo absurdo que resulta.

Tenho em mente o conceito de Marty de analista como "suporte narcisista" do paciente. Dessa forma, podía sustentar a violência que o desbordava. Era notório a estado de fragilidade no que se encontrava com intensas manifestações mentais e comportamentais. Sustentar desde o ponto de vista que Marty nos propoe, era enfrentar junto com ele, os embates da realidade externa e da realidade psíquica. O tema era poder chegar a prevenir derrube ou a predominância de distúrbios desbordantes. Por outro lado, parecia-me que tinha que confiar no registro que Sebastian tem de suas dificuldades.

Espero-o pontualmente nos días que vem. Mantenho-me tranquilo em meu cadeirao e ele sabe qual e o dele. Às vezes tomamo-los como simples detalhes mas se trata de estar disponível, do acompanhar em seu discurrir na medida do possível e estar ali. O precisava um modo que se anude a um novo lugar. A análise é investido fortemente por Sebastian, mas a investidura do objeto transferencial é em maior medida narcísista. A análise e o analista pode ser idealizado, sao-lhe necesarios desse modo e deve ser mantido. Procura sentir-se seduzido e precisa sentir interesse e admiração. Procura-me nas sessões e redes sociais e descobre que eu sou o pai. Precisa perceber a esta instancia como vital. No ir e vir dos

diálogos em sessão sobre o mundo, algo cai, algo que permite o encontro com alguma característica de seu conflito e às vezes podemos falar e às vezes não. Se sente que a análise induz a um de seus vazios, me freia. Enquanto, procuramos criar um espaço de encontro credível, um espaço mais compartilhado. Às vezes eu posso pensar dentro da vorágine. Seus avatares com o corpo fazem-me lembrar ao breakdown proposto por Mosés e Egle Laufer, quanto a rejeição inconsciente ao corpo sexual com o sentimento de ser passivo em frente ao próprio corpo. Para enfrentar isto, se inventa um mundo onde pode ser homem e mulher ao mesmo tempo. Digo-lhe que me parece que não pode e não gosta. Confronto no sentido winnicottiano. Quer ser tudo, mas isso só é possível em sua cabeça. Precisa que tolere a sua ofensiva e que sobreviva apesar de seus ataques. Estes elementos verei quando podem ser propostos, se e que em algum momento vou a poder. Há histórias que não engole nem digiere. Ainda hoje, quando a análise já tem vários anos. Evidencia uma necessidade de realização imediata de seus desejos, é vulnerável as miradas e comentários de outros. Vive momentos fugazes de glória, quando o alabam e depois, momentos de sofrimento e angústia. Lembro-me da metáfora da lagosta do Francois Dolto. Tento ajudá-lo para que se proteja dele mesmo e dos outros até que possa crescer. Chego a achar que a análise é para este adolescente um pilar na luta contra o desequilíbrio psíquico e até mesmo, uma espécie de reaseguro contra as tendências destrutivas que ele mantém dentro. Ao dizer de Viñar, presto-me para que construa no analista "Um objeto de socorro".

Neutralidade e abstinência.

Digamos que eu quero que Sebastian viva. Não quero que se morra e em isso me presto presto inteiramente. Presumo que se sou genuíno em minha postura e em minhas intervenções, o paciente vai captar isso e será benéfico para o vínculo analítico. Ele põe em jogo seus recursos, suas defesas, eu tenho as minhas. E mais um fator: o meu narcisismo. Não queria ser o undécimo técnico "entrevistado" para ser abandonado. Meu labor é artesanal. Então permito-me uma maior licença para ser não neutro nem abstinente in totum. Em realidade tenho minhas dúvidas sobre o conceito de neutralidade, ¿ha alguém que possa ser neutro? Talvez. Eu não o sou, nem posso o ser. Acho que a atitude comprometida e libidinal com o paciente e análise, desempenha um papel fundamental para promover um processo de fermentação na atividade clínica. ¿E quanto a abstinência? É um ponto de tensão. ¿Qual é a abstinência a manter? Fanny Schkolnik diz-nos "... com esta noção não só nos referimos aos limites com respeito as possíveis atuações sexuais no relação analítica, senão também a necessidade de que o analista mantém a maior reserva sobre sua vida privada, suas ideias políticas, seus gostos ou as suas características sociais e evitar guiar ou aconselhar seus pacientes a fazer certas escolhas em qualquer plano de sua vida ..." Mas esta psicanalista também esclarece: "... bem como o estilo das interpretações e as características do enquadre respondem as

diferentes modalidades dos analistas e mudan com a cada paciente, também a abstinência apresentará seus próprios perfis e não é pensable uma caracterização universal da mesma ...”

Na situação de trabalho com Sebastian, muitas das ações que eu fiz, as pensei imprescindíveis, mas me sento obrigado as repassar e me interrogar. Talvez foi o único caminho que encontrei para modular uma relação que permitisse uma análise que não ficasse trunco, pese a saber da importância de calar a subjetividade do analista. Pelo cedo, não digo nada de mim que me encerre em um ponto sem saída e não permita prosseguir a análise. Mas é verdadeiro que um ponto muito discutível é o presente do cuadernillo de Mucha. Talvez procuro silenciar seu desconforto com minha partida através de doações. Seguramente não permito que despliegue seu ódio e sua inveja por minha viagem. Talvez seduzo com minhas respostas, que tendem a acalmar com um maternaje que não corresponde, não quero que sofra ou se jogam minhas aspirações narcisistas de "cura-lo". A questão da abstinência, é um problema do meu trabalho com Sebastian.

Algumas palavras sobre o ódio.

A tema do ODIO merece digressões aparte. Entre a onipotência e o desvalimiento, seu ódio se dispersa-se para todos os lados. Há elementos muito primarios jogando. O odio sustenta-o, endurece-o, o odio não o deixá cair no vazio, lhe dá consistência. Procura probar ate onde o outro tolera seu ódio e seus elementos intoxicantes. É como se dissesse: "prefiro odiar voçe que não sentir nada." Ódio trata o outro como um desfeito, é aniquilante de si mesmo e o outro, é insaciável, espremedor e aniquilador. Seu ódio não é um "ódio como afeto", "é ódio como paixão. Nas palavras de David Nasio, u odio e capital. É forte, intenso, cego, radical. U odio de Sebastian e muito difícil de tolerar e faz tomar distancia. Escuto-lhe coisas que baixo anonadado. Com este ódio, distingue-se dos demais, assim se afirma e constroi identidade. Com este ódio, ¿como contribuir como analista para seu psiquismo possa estabelecer novas ligaduras?

Referências

- 1) Caule, Emmanuelle. Reflexiones sobre la anorexia mental en la adolescencia y su tratamiento. Inédito.
- 2) Freud, Sigmund. (1915) Puntualizaciones sobre el amor de transferencia, Buenos Aires, Amorrortu, T XVII.1976.

- 3) Laufer, Moses and Egle. Adolescence and developmental breakdown. Karnac books. 1984.
- 4) Marty, Francois. Soutiens narcissiques a l'adolescence. *Journal des psychologues*, n° 245, 2007, pp. 22-27.
- 5) Nasio, David. El odio puede darnos fuerza. Entrevista en www.pagina12.com.ar
- 6) Porras, Luz. Aspectos teóricos de la práctica analítica. La función del supervisor y la supervisión. www.apuruguay.org En Biblioteca on line.
- 7) Schkolnik, Fanny. Neutralidad o abstinencia. www.apuruguay.org . En Biblioteca on line.
- 8) Viñar, Marcelo. Psicoanalizar hoy. Ed. Trilce. 2002. Montevideo. Uruguay.